



## BEBIDAS ALCÓOLICAS E MEIO RURAL: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PRELIMINAR

Carlos Alberto Sousa Dantas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: betosousadantass@gmail.com

Enzzo Acácio de Andrade

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: acacioenzo@gmail.com

Luci Mara Bertoni

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: profaluci@uesb.edu.br

770

### INTRODUÇÃO

A fim de conhecermos o cenário da produção científica nacional em torno do tema do uso de bebidas alcóolicas no meio rural e destacarmos elementos para o desenvolvimento de pesquisas relativas ao mesmo, realizamos um levantamento bibliográfico, compreendendo essa atividade como exercício pelo qual nos potencializamos intelectualmente acerca de um conhecimento coletivo desenvolvido sobre um assunto específico e que nos possibilita o desenvolvimento de pesquisas posteriores dedicadas ao seu aprofundamento (GALVÃO, 2010). Como fora sustentado por Gilberto Velho, cada substância se relaciona a “mundos” particulares de usos, usuários, efeitos, contextos e relações, sendo necessário que os trabalhos científicos que produzimos reflitam as especificidades invocadas pelo tema (VELHO, 1994). Assim, o tema do uso de bebidas alcóolicas debatido cientificamente no Brasil desde o século XIX (SCHWARCZ, 2002), focalizado em contextos urbanos, apresenta especificidades quando observado no contexto rural, mais recentemente explorado pela comunidade científica.

Desse lado, as pesquisas levantadas apresentam como especificidades a serem consideradas para o estudo do uso de bebidas alcóolicas no meio rural as limitações de uma assistência preventiva, a menor fiscalização da oferta de bebidas, o fato do meio rural funcionar enquanto local onde se manufaturam bebidas para consumo próprio, o isolamento de alguns lugares, os riscos do trabalho agrícola como a exposição às adversidades do trabalho ao ar livre (a poeira, os insetos, a radiação solar), a intensidade desse trabalho, suas longas e extenuantes jornadas, os riscos de se trabalhar embriagado

Realização:



Apoio:





no manuseio de instrumentos considerados “perigosos” como enxadas, motosserras, na condução de veículos como tratores e no cuidado com animais, o impacto ocasionado pela perda da lavoura nos casos de alterações climáticas etc. Para além da especificidade da temática no meio rural, as pesquisas levantadas apontam para uma escassez de trabalhos sobre o assunto, mediante a qual justificam os estudos por elas empreendidos.

## METODOLOGIA

Para o levantamento bibliográfico recorremos a uma busca nas plataformas virtuais: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Catálogo de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), empregando as palavras chave “alcoolismo rural” e “bebidas alcoólicas rural”. A fim de encontrarmos o máximo de resultados possíveis não utilizamos outros filtros e realizamos a seleção manual dos trabalhos, conferindo a sua pertinência em relação à temática. Conforme essa seleção, levantamos um total de 13 trabalhos abordando alguma faceta do uso de bebidas alcólicas no meio rural: 7 artigos encontrados na plataforma da SciELO e 6 produções no portal da CAPES (3 teses e 3 dissertações).

771

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O interesse da comunidade científica brasileira em estudar o uso de bebidas alcólicas no meio rural se mostra recente. Os primeiros trabalhos produzidos nesse sentido, no Brasil, datam de 2011 e correspondem a um artigo sobre o uso de bebidas alcólicas por parte de uma população ribeirinha do interior da Amazônia e outro sobre o uso de bebidas alcólicas enquanto elemento culturalmente transmitido pelos imigrantes pomerânios aos seus descendentes no interior do Espírito Santo. Enquanto o primeiro corresponde a um estudo epidemiológico produzido na área da Medicina, o segundo é fruto da área da Psicologia e se desenvolve desde uma perspectiva psicossocial. Contudo, a bibliografia sobre o uso de bebidas alcólicas no meio rural tem sido apropriada, sobretudo, pelas áreas das ciências da saúde. Nesse sentido, a área da Enfermagem, seguida da Medicina, correspondem aos terrenos que mais publicaram sobre o tema e possuem juntas publicações também nos anos de 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, na proporção de 5 trabalhos produzidos na Medicina, 6 na enfermagem, apenas 1 oriundo da Psicologia e 2 provenientes dos Estudos Interdisciplinares em Memória.

Realização:



Apoio:





A preponderância das ciências da saúde sobre o tema desvela uma tônica na produção científica em matéria de “drogas”, afinal, por muito tempo apresentadas pelo viés do “perigo social” ou dos “problemas de saúde pública” os estudos em torno dessas substâncias privilegiaram e ainda costumam fazê-lo, a perspectiva traçada pela ciência biomédica que, por um lado contribuiu para a compreensão de alguns aspectos dos efeitos fisiológicos ocasionados por determinadas substâncias e por outro, devido à associação entre as patologias individuais atribuídas ao uso de drogas com os “problemas” da saúde pública, enfraqueceu a consolidação dos estudos sobre “drogas” enquanto campo de pesquisa nas ciências humanas (LABATE, FIORE, GOULART, 2008; SIMÕES, 2008). Ao seu turno, nas ciências sociais o viés do perigo social foi acentuado pelo interesse em estudar a relação das drogas com a criminalidade e mesmo as pesquisas críticas nessa área, crescentes a partir dos anos de 1990, não deixaram de reforçar essa associação (LABATE, FIORE, GOULART, 2008; SIMÕES, 2008).

Especificamente, quanto ao tema do uso de bebidas alcólicas no meio rural, a preponderância de perspectivas inspiradas nas ciências da saúde se encontra na proporção de 5 estudos orientados por uma perspectiva epidemiológica, preocupada com o controle das doenças; 3 estudos direcionados por uma perspectiva bioecológica, que considera elementos pessoais e do organismo humano em relação aos contextos onde se vive; 1 estudo combinando a abordagem epidemiológica com a análise de aspectos psíquicos; 2 estudos desenvolvidos a partir da sociologia fenomenológica e 2 estudos atinentes a uma perspectiva psicossocial que parte da relação entre as memórias coletivas e a teoria das representações sociais.

As premissas biomédicas que afirmam os “problemas” ou os “prejuízos” causados pelo uso de bebidas alcólicas são justificativas comuns nas pesquisas levantadas, expressas também nos fatores elencados por tais pesquisas como concorrentes para o uso de bebidas alcólicas ou para o alcoolismo. Assim, ao lado de fatores como o histórico familiar, pelo qual se consideram os ângulos do ambiente social (a naturalização do beber, a oferta de bebidas, o “brinde”) e fatores como a tradição, por onde se encara o uso de álcool pelos prismas dos costumes e dos padrões culturais, se colocam fatores como as características biológicas de uma natureza humana. Outros fatores como as más condições do trabalho rural, das longas e extenuantes jornadas de trabalho, da intensidade do trabalho manual agrícola, da exposição aos agentes químicos, da sazonalidade do trabalho rural (oscilação entre períodos de maior demanda, como a colheita, e de menor demanda como pode ser a



comercialização) e da necessidade de lazer também são considerados, contudo são encarados pelos ângulos da patologização e chega-se em alguns casos a hierarquizar os fatores concorrentes para o alcoolismo, colocando no topo o elemento genético (de uma suposta predisposição genética herdada de familiares que tiveram “problemas” com o uso de bebidas alcoólicas). Nesse modelo de hierarquização, os atributos genéticos são colocados acima de uma perspectiva social, relegando a uma posição inferior fatores como a indústria e a propaganda midiática. Embora reconheçamos que o uso de drogas corresponde a uma questão multifatorial, chama atenção o privilégio dado aos fatores genéticos como concorrentes para o alcoolismo, afinal, esse ângulo respalda o saber biomédico que no início do século XX, no Brasil, segundo Lilian Desi Mai (2003), difundia ideias eugênicas atreladas a um ideário higienista cujos debates em torno do quadro sanitário brasileiro fizeram unir temas como os da natureza aos do clima, da educação e da raça, colocando como obstáculo para o futuro desenvolvimento nacional o tema central da doença, fosse ela física ou moral. Nesse passo, o alcoolismo fora compreendido enquanto forma de degeneração decorrente da doença, depositando sobre o seu combate as expectativas de evitar uma suposta degeneração racial e social.

A genética como fator para o alcoolismo foi um dos elementos, inclusive, a preludiar a chamada lei seca nos Estados Unidos, quando, oferecendo bases ao proibicionismo dispensado às bebidas alcoólicas, certas pesquisas procuraram desvendar os impactos do álcool no organismo humano por meio de experimentos que verificavam, por exemplo, que o consumo de álcool pelos pais resultaria na concepção de crianças alcoolistas e com enfermidades mentais (idiotia, epilepsia, psicopatia) além de estudos de caso que investigavam a descendência de “vagabundos”, “alcoólatras” e “criminosos” para descobrir no histórico genealógico desses sujeitos quantos de seus parentes haviam passado por prisões ou manicômios, alardeando uma suposta periculosidade causada pelo álcool ao patrimônio genético da humanidade (ESCOHOTADO, 2007). Decerto, as pesquisas mais recentes, que no Brasil sobreviveram aos anos de 1970, não reproduzem as mesmas ideias de outrora, mas se defrontam, como é o caso dos trabalhos levantados, com um arcabouço por muito tempo tecido em torno das “drogas” e no qual, entre outras, as ciências da saúde tiveram um papel de destaque (SIMÕES, 2008; LABATE, FIORE, GOULART, 2008). De outro lado, decalcamos do levantamento a importância das pesquisas desenvolvidas no âmbito dos estudos interdisciplinares em memória, mais afinadas com a pluralidade de concepções oferecidas sobre “drogas” por parte das ciências humanas e sociais. Não se



trata de desconsiderar o saber proposto pelas ciências da saúde, pois se aposta na conciliação de múltiplas perspectivas o desenvolvimento de uma abordagem crítica, menos simplificadora e sensível à diversidade implicada no tema das “drogas” (LABATE, FIORE, GOULART, 2008).

## CONCLUSÕES

A prevalência das ciências da saúde sobre a produção levantada nos leva a refletir acerca da natureza da escassez de pesquisas em torno do uso de bebidas alcóolicas no meio rural, apontada pelos trabalhos levantados a fim de conferir-lhes justificativa e relevância. Entretanto, se observada “internamente” essa escassez revela uma também escassa produção científica pautada pela perspectiva das ciências humanas e sociais. Devido a uma “escassez dentro da escassez”, se mostra necessário o aprofundamento do tema do uso de bebidas alcóolicas no meio rural por perspectivas que ultrapassem o predomínio biomédico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bebidas alcóolicas. Rural. Levantamento bibliográfico. Alcoolismo.

## REFERÊNCIAS

ESCOHOTADO, Antonio. **História general de las drogas**. Madrid: Espasa, 2007.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. **Fundamentos de epidemiologia**. 2ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010.

LABATE, Beatriz Caiuby, FIORE, Maurício, GOULART, Sandra Lucia. Introdução. In: LABATE, Beatriz. Caiuby. *et al.* **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MAI, Lilian Denise. Difusão dos ideários higienista e eugenista no Brasil. In: BOARINI, Maria Lúcia. (Org.). **Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SIMÕES, Júlio Assis. Prefácio. In: LABATE, Beatriz Caiuby *et al.* (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

VELHO, Gilberto. A dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: Alba Zaluar (org.). **Drogas e Cidadania**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.